

Vento Nordeste: A explosão música popular Nordestina nas décadas 1970 e 1980 através da memória de Terezinha de Jesus

Daniel Lopes Saraiva¹

Resumo: Esse artigo aborda um momento na música popular brasileira compreendido entre décadas de 1970 e 1980. Nesse período diversos artistas saíram do nordeste e iniciaram suas carreiras no eixo Rio-São Paulo. Com apoio da mídia e espaço nas gravadoras essas artistas deixaram suas cidades e estados em busca de um espaço artístico no “Sul Maravilha”. Por não ter um rótulo como Tropicália ou a Bossa Nova o movimento aqui chamado de “Explosão da Música Nordestina” muitas vezes é relegado ao esquecimento. Uma das participantes desse movimento é Terezinha de Jesus intérprete, nascida em Florânia, Rio Grande do Norte. Gravou 5 Lp’s entre 1979 e 1983 pelo selo Epic/CBS. Nesse artigo trabalho também com a memória da artista, usando seu depoimento para reconstruir a narrativa do momento musical vivido, contrapondo as memórias analisando entrevistas que a intérprete deu para jornais e revistas no período estudado, expondo as continuidades e rupturas na fala de Terezinha de Jesus buscando o papel da artista no movimento abordado. Ainda são analisadas algumas canções gravadas pela artista

Palavras-chave: Música, Terezinha de Jesus, MPB

Introdução

A historiografia brasileira contemporânea, na sua busca por novos objetos, começou, há pouco, estudos sobre a música popular. Marcos Napolitano afirma que o número de projetos sobre música popular começa a ter maior expressão no final dos anos 1970 e começo dos 1980, quando passa a ser comum a utilização da música não só para o desenvolvimento de pesquisas, mas também como material didático no ensino de disciplinas ligadas às ciências humanas. (NAPOLITANO. 2002, p.7) O autor destaca que há muito para se discutir, investigar e debater sobre a Música Popular e ressalta a importância dada a esta no Brasil, como veremos no trecho abaixo:

[...] Além disso, a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora de nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. Para completar, ela conseguiu, ao menos nos últimos quarenta anos, atingir um grau de reconhecimento cultural que encontra poucos paralelos no mundo ocidental. Portanto, arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida, é uma das grandes usinas sonoras do

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de São João del-rei. danielsaraiva_15@hotmail.com

planeta, é um lugar privilegiado, não apenas para *ouvir* música, mas também para *pensar* a música. (NAPOLITANO,202,p.7)

Segundo Aberto Moby, no Brasil, a música popular, provavelmente mais do que as outras manifestações culturais, tem tido papel fundamental na formação da identidade nacional, muito provavelmente pela sua inserção junto à camada média urbana da população. (MOBY,1994,p.45)

A Música Popular Brasileira ocupa um lugar privilegiado na história sociocultural do país, nela encontram-se mediações, fusões, encontros de diferentes etnias, regiões, religiões e classes, e seria, muitas vezes, tradutora de muitos de nossos dilemas nacionais. (NAPOLITANO,2007,p.7)

Assim sendo, a partir da análise de uma obra musical, seja ela apenas uma canção, seja um conjunto de obras compostas ou gravadas por um indivíduo ou um grupo, é possível relacionar e entender aspectos de uma determinada época, uma vez que a música faz parte de um contexto articulado com vários elementos.

Outra fonte que vem ganhando força nos últimos anos é o depoimento oral, que será amplamente usado nesse artigo. A História Oral seria um procedimento/caminho para a produção do conhecimento histórico. Trazendo um ensinamento duplo: sobre o passado- época enfocada no depoimento e sobre o presente –Tempo que foi produzido o relato.(DELGADO.2010,p.16). E é a partir desses relatos com cruzamento de outras fontes podemos constatar diversos aspectos do passado.Podendo assim traçar uma trajetória desse movimento musical.

Neste artigo abordo então a “explosão da música nordestina”, embora muitos não considerem um movimento como Bossa Nova e Tropicália.Os anos 1970 e 1980 foram de grande importância para os artistas que estavam fora do eixo Rio/São Paulo. Vindos de toda parte do país, vários desses artistas conseguiram destaque no meio artístico. Grande parte desses vinha da região nordeste, o que me leva crer em um movimento, uma vez que esses artistas estavam interligados por suas raízes, proximidade e temas abordados. Trabalharemos aqui não só com o movimento, mas com a trajetória individual e coletiva de Terezinha de Menezes Cruz ou Terezinha de Jesus- seu nome artístico.A artista iniciou a carreira na década de 1970 e gravou 5 Lp’s entre 1979 e 1983. Ao lançar luz sobre a trajetória da intérprete podemos constatar um momento/movimento musical não muito abordado pela historiografia brasileira, a “explosão da música nordestina”

A explosão da música Nordestina

A década de 1960 foi marcada pelos grandes festivais. As duas maiores emissoras de televisão, Globo e Record tinham seus festivais, a primeira realizava o Festival Internacional da Canção(FIC) a segunda o Festival da Record. Esses são os dois festivais que ganham mais destaque, entretanto a onda de festivais se espalhou por todo país e revelou novos compositores e intérpretes.

Surgiram, então, festivais em diversas regiões do Brasil: Califórnia da Canção - Uruguaiana-RS, Festival da Música Popular Brasileira de Juiz de Fora, em Juiz de Fora-MG e outros tantos.(SEVERIANO;MELLO,2006,pp.178,179)

Esses festivais se propagavam por toda país, em 1968 houve um festival de música popular promovido pelo SESC na cidade de Naral no qual o compositor Mirabô Dantas participou. Em seu livro ele relata que depois desse festival ele não teve mais “sossego com os homens da censura” que a partir daquele momento exigiam que todas suas apresentações, textos e músicas fossem verificados antes pela polícia.(DANTAS.2007,pp.21-22) Essa passagem ilustra a repressão militar que não estava presente apenas no eixo Rio-São Paulo. E mostra também que os festivais ganhavam força fora do eixo, com suas versões regionais.

Esses festivais regionais lançaram muitos artistas, mas as possibilidades de crescimento na carreira artística eram pouco prováveis em cidades que não fossem o Rio de Janeiro e São Paulo. Portanto um artista que quisesse fazer uma carreira na música teria que mudar para uma dessas cidades.

Entre o fim da década de 1960 e o início da década de 1970 chegam aos grandes centros culturais Fagner, Belchior, Fausto Nilo, Cirino, Ednardo, Teti, Rodger, Nonato Luís, Ricardo Bezerra e Amelinha, vindos do Ceará. Clodo, Climério, Clésio e Jorge Mello do Piauí. Terezinha de Jesus e Mirabô do Rio grande do Norte. Geraldo Azevedo e Alceu Valença de Pernambuco. Elba Ramalho, Zé Ramalho e Cátia de França da Paraíba. A lista de nomes é extensa, o que impossibilita de citar todos os nomes. Essa contribuição dos artistas nordestinos para a Música Brasileira é ressaltada em um dos capítulos do livro *Uma História de Música Popular Brasileira* do pesquisador musical Jairo Severiano. (SEVERIANO,2008,p.422). Sobre sua saída de Natal Mirabô diz :

Entre 70 e 72 mais ou menos eu resolvi ir pro Rio achando que se eu fosse ficar aqui nem disco a gente fazia porque não tinha gravadora, não tinha estúdio de gravação. É, tava Rio/São Paulo, eu digo “eu vou”? Ai fui em São Paulo, fui morar no Copan em São Paulo,

conhece o Copan São Paulo? É uma selva de pedra que moram cinco mil e seiscentas pessoas... eu fui morei um ano e meio em São Paulo no Copan, depois sai do Copan fui pra Cesário Mota que é a Rua da Santa Casa, depois eu achei São Paulo muito frio e fui morar no Rio de Janeiro.(MIRABÔ DANTAS.2013)

Até então os nordestinos mais conhecidos na Música Popular Brasileira eram o Paraibano Jackson do Pandeiro, o Maranhense João do Vale e, o mais famoso deles, o Pernambucano Luiz Gonzaga. Os três de origem humilde saíram de suas terras para tentar a vida na cidade grande, tiveram diversos empregos até conseguirem se firmar na vida artística. Os três cantavam um Nordeste sofrido em função da seca e dos problemas sociais lá encontrados. A obra desses artistas vai ao encontro da “Invenção do Nordeste”. Para o Professor Durval Muniz de Albuquerque:

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre esse espaço. (ALBUQUERQUE JÚNIOR,2002,p.61)

Ou seja, geralmente é ressaltado na construção dessa imagem alguns poucos pontos: a seca, problemas sociais, cangaço, beatismo, coronelismo, o Nordeste como um local sem lei, de povo simples e atraso tecnológico e cultural quando comparado com o sul do país. (ALBUQUERQUE,202,p.61)

Para Durval, o público de Luiz Gonzaga era os migrantes saídos da região Nordeste, seus arranjos suscitariam lembranças, emoções, ideias que remeteriam à terra natal, promovendo assim uma ligação afetiva entre público, canção e artista. (ALBUQUERQUE,202,p.61) O gênero musical de Luiz Gonzaga, João do Vale, Jackson do Pandeiro e os outros artistas era denominado Regional, que até início da década de 1970 era marginalizado pelo mercado.

Luiz Gonzaga, inspirado no acordeonista Pedro Raimundo, gaúcho que usava bombacha, botas, guaiaca e chicote nas apresentações, resolve usar vestes que remeteriam à imagem do nordeste. Adota então em seu visual o chapéu de couro, que remeteria a imagem do cangaceiro Lampião. (DREYFUS,1996,p.134)O que Gonzaga talvez não atentasse é que ele estava contribuindo para a formação de um “estereótipo”

do nordestino, Dominginhos, que tinha grande admiração pelo cantor, e alguns diziam ser seu substituto, adotou também o chapéu de couro durante sua carreira.

Luiz Gonzaga seria uma das grandes referências para a nova geração de cantores vindos da região Nordeste. Entretanto, as vestes de Gonzaga não seriam adotadas pelos artistas que desembarcam no Rio e em São Paulo na década de 1970. Nessa mesma época a indústria musical passava por um esvaziamento, a censura estava cada vez mais presente. Grande parte dos compositores renomados estavam fora do país, haviam sido exilados ou se autoexilaram devido as limitações de liberdade impingidas após o AI-5 (Ato Institucional número cinco) em 1968. (NAPOLITANO,2004,p.81)

Chico Buarque, Caetano Veloso, Edu Lobo, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, Carlos Lyra, entre outros tantos, não estavam no Brasil. Parece então haver mais espaço para o surgimento de novos artistas, e é nesse contexto que esses artistas começam a ganhar espaço na mídia.

Ao chegar no “Sul Maravilha” esses cantores participam também de Festivais que, mesmo não recebendo a mesma mídia de anos anteriores, atraía olhares não só do público como da crítica musical em busca de novas estrelas. A televisão ganhava cada vez mais destaque, e se consolida em 1970 como carro chefe da indústria cultural Brasileira. (HAMBURGER,2003,p.47) Era necessário estar nessa vitrine para alcançar o sucesso.

Com o destaque nos Festivais, sendo gravados e respaldos de artistas de renome, fez com que as gravadoras começassem a convidar esses artistas para fazerem parte de seu cast . A Copacabana lança o Long Play *Quadrafônico* 1972, no qual Alceu Valença e Geraldo Azevedo dividem as faixas, a Philips já havia algo parecido no Lp *Domingo*, disco de estreia de Caetano Veloso e Gal Costa de 1967. Em 1973 é a vez da Philips lançar o primeiro Lp de Fagner, *Manera Fru-Fru,Manera*.A Continental, por sua vez, lança *Pessoal do Ceará*, um disco em que Ednardo,Rodger e Teti dividem os vocais. A indústria fonográfica crescia no Brasil, o número de consumidores aumentava e por isso era necessário aumentar a variedade de produtos, com isto as gravadoras precisavam investir em novos talentos.O faturamento da indústria fonográfica cresce 1375% entre 1970 e 1976. (ORTIZ,1988,p.127) Portanto é nesse contexto que esses artistas conseguem gravar seus primeiros discos.

Quadro 1

Ano	LPs	Compacto simples	Compacto duplo	Fitas
-----	-----	------------------	----------------	-------

72	11700	9.900	2.500	1.000
73	15000	10.100	3.200	1.900
74	16000	8.200	3.500	2.800
75	16900	8.100	5.000	3.900
76	24000	10.300	7.100	6.800
79	39252	12.613	5.889	8.481

(ORTIZ,1988,p.127)

No quadro acima podemos observar o aumento da venda de diversos produtos do mercado fonográfico, a venda de toca-disco também crescia, entre 1967 e 1980 o aumento foi de 813%.(ORTIZ,1988,p.127) Junto com o aumento da venda de discos e fitas, aumenta também a contratação de novos artistas pelas gravadoras, e é nesse contexto que os artistas vindos de diversas regiões ganham a oportunidade de gravar e consolidar uma carreira artística.

Os artistas oriundos do Nordeste trazem uma nova roupagem para a MPB, eles têm grande influência de cantores já consagrados como Luiz Gonzaga, mas com um diferencial: a trajetória de vida. A maioria desses artistas pertencia a Classe média urbana, quase todos com formação universitária. (PIMENTEL,1995,p.103)Eles cantavam seu cotidiano, um Nordeste mais urbano diferente daquele cantado por Gonzaga e João do Vale, um nordeste jovem, mais moderno e não tão diferente do “Sul Maravilha”.

Fagner que lançou seu primeiro Lp em 1973 vinha trilhando um caminho se ascensão, em 1976 ele grava seu terceiro Lp *Raimundo Fagner* pela gravadora CBS. Pouco tempo depois Fagner foi convidado para ser diretor artístico da gravadora, sendo responsável pelo selo Epic, de grande prestígio nos Estados Unidos mas ainda não conhecido no Brasil.Fausto Nilo explica como surgiu o convite para que Fagner integrasse a diretoria da gravadora.

... a CBS não tinha um histórico de MPB, ela tinha só o Roberto, e aí, o Raul tinha sido produtor lá, e aí o que aconteceu... um executivo jovem, ex técnico de estúdio, chamado Jairo Pires, era fã do Fagner, e foi colocado na CBS como diretor artístico, e teve uma ideia de convidar e contratar o Fagner como um pioneiro de MPB dentro da nova da MPB dentro da antiga CBS, com esse feudo Jovem Guarda... E aí a primeira programação era gravar um disco e esse disco era aquele “*Raimundo Fagner*”... e isso foi o meu primeiro trabalho junto com ele nesse período carioca, que eu permaneci... a gente trabalhava com muita liberdade, coisa que eu tenho muita saudade, porque a gente arriscava muito, e isso foi fundamental... e foi feito aquele

disco, que deu um resultado muito bom na chamada classe A, de jovens e... a crítica elogiou muito aquele disco, e aquilo dentro da CBS foi uma iniciativa do Jairo Pires que deu a ele uma força... e aí havia um presidente da gravadora que era um americano, um senhor já idoso, e chamou o Fagner lá em São Paulo e disse assim "Você tem outros amigos como você? Dessa nova MPB? Que a gente quer que você traga para gravadora e vamos fundar... existe um selo que tem prestígio nos Estados Unidos e aqui não tem muito prestígio, que era o selo Epic, que lá na América, era um selo que trabalhava com artistas especiais, com Jazz e coisas desse tipo... E aí o Fagner topou e, mesmo dessa maneira informal, sem ter salário sem nada, eu me dedicava a ajudá-lo... todo dia a gente ia para a sede da CBS, ali na Visconde de Rio Branco, na Lapa, perto da Praça Tiradentes, ali era o nosso cotidiano e.... ali se criava.... e acabamos com a burocracia, foi a verdadeira revolução....(FAUSTO NILO.2013)

Pelo que pode ser observado no depoimento Fausto Nilo, durante a diretoria de Fagner no selo Epic houve uma grande liberdade na criação dos discos. Diversos artistas tiveram suas estreias naquele selo. Nas palavras de Fagner:

...e eu produzia lancei o selo Epic, lancei muitos artistas na época, Zé Ramalho, Elba Ramalho, não sei o quê. Então eu vim mesmo, eu estava dentro do mercado do disco, eu queria aquilo ali, eu queria popularizar os meus artistas, eu produzia os discos na intenção deles acontecerem, era um momento mesmo da gente bota a cabeça do lado de fora, o mercado muito bom, as referências muito boas.(FAGNER.2013)

O selo não apenas lançou Elba Ramalho e Zé Ramalho mas também Terezinha de Jesus. Que durante um período teve um destaque na mídia, colunas especializadas sobre música e chegou inclusive a ter sua voz embalando a trilha sonora de uma novela. Fator esse de grande importância durante aquele período. Uma vez que as novelas tinham grande audiência. Outros compositores que também gravaram pelo selo foram Geraldo Azevedo, Cirino, Ednardo, Clodo Climério e Clésio, Nonato Luiz entre outros. Abordaremos agora um pouco da trajetória de Terezinha de Jesus.

Terezinha de Jesus, a trajetória de uma Intérprete

Terezinha de Meneses Cruz mais conhecida como Terezinha de Jesus nasceu em Florânia (RN). No dia 3 de julho de 1951. Nascida em uma família com forte tradição musical, o pai Josué Teodoro da Cruz cantava, a mãe Maria de Menezes Cruz tocava violão. Sobre a influência da família na música Terezinha fala:

Então na realidade, minha família é muito musical, desde meu avô que tocava na banda de Florânia, meu avô tocava violão, minha mãe arranhava no violão, meu pai cantava, a gente sempre viveu com música do lado, meus irmãos e minhas irmãs todo mundo canta, todo mundo dança no ritmo, todo mundo tem ritmo sabe? Ninguém se profissionalizou, mas aí vem eu, veio Odaíres², a gente se profissionalizou, então as influências são essas, e eu como cantora já maior eu gostava muito de ouvir era Gal, era Nara Leão, as duas cantoras que me chamaram mais atenção. (TEREZINHA DE JESUS.2013)

Nos fins da década de 1960 e início de 1970 Terezinha já era conhecida em Natal pelos festivais regionais. Em 1972 ela resolve então mudar para o Rio de Janeiro. Sobre o início da vida no Rio ela resume:

Eu fui pro Rio comecei a trabalhar numa companhia de seguros e comecei a... eu fazia faculdade aqui, fazia Serviço Social, e cheguei lá no Rio pra pedir transferência e estava difícilimo, pra UFRJ, por que eu estudava aqui na UFRN, aí eu fiquei um ano assim meio sem estudar e pensei, sabe de uma coisa eu vou.. aí comecei a cantar e pensei “ eu vou fazer música” aí pedi transferência pra música mas eles não deram por que a minha universidade era do Rio Grande do Norte. Eu fiz novo vestibular, passei e fiz Música e sou licenciada em música. Aí pronto, na faculdade aparecia algumas coisas, e eu vivia muito no meio né? No meio musical e as pessoas foram vendo eu cantando e gostando da minha voz e dizendo que eu teria que cantar mesmo. Aí eu me profissionalizei, peguei a carteira da Ordem, e disse eu vou viver de música. Trabalhei em boate, eu ficava catando trabalho mesmo, não ficava em casa parada não. (TEREZINHA DE JESUS.2013)

² Irmã mais velha da cantora Terezinha de Jesus. Nascida em Santana do Matos –RN. Cantora profissional, mas não chegou a gravar um disco solo.

Nesse trecho podemos observar que Terezinha era uma estudante universitária, característica comum a diversos cantores oriundos do Nordeste nessa época. Rodger era formado em química, Ednardo em Engenharia química, Belchior havia abandonado o curso de medicina, Ricardo Bezerra era arquiteto entre outros. Esse dado é interessante para que possamos observar, os participantes da “explosão da música nordestina” em sua maioria eram universitários ou ligados ao meio. Portanto traziam uma imagem diferente do Nordeste, pois tiveram um acesso maior a cultura e leituras. Diferente de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, que tiveram trajetórias diferentes.

Terezinha continuava em busca da carreira artística. Entretanto não era fácil naquela época uma mulher tornar-se cantora. A profissão ainda era vista com desdém. Principalmente as mulheres que cantavam em casas noturnas. Mas com pouco tempo no Rio de Janeiro Terezinha de Jesus receberia um convite para gravar seu primeiro Lp. Entre sua chegada no Rio de Janeiro e a gravações do primeiro disco Terezinha fez backing vocal em discos de diversos artistas, incluindo Tim Maia. O convite para gravar o primeiro Lp veio de Fagner que já era conhecido e amigo da intérprete. Eles moravam em apartamentos próximos que funcionavam quase que como embaixada dos conterrâneos que saíam da região Nordeste para tentar a sorte no “Sul Maravilha”.

No meu era eu, Grace minha irmã, e Celita. Elba morou também uma época e depois foi pra São Paulo, ela fazia teatro. Então era assim, as nordestinas que não tinham aonde morar diziam: “ Ah eu sou que tem um lugarzinho ai pra mim, na sala, no sofá-cama.” A gente sempre dava um jeito, teve uma menina também do Ceará que morou, Mia. Moravam várias mas normalmente ficavam 3 por que o apartamento era pequeno, só tinha um quarto e uma saleta, a gente transformava a saleta em quarto e normalmente ficavam três. E no de Fagner, era Fagner, Marcinho, e Dedé a princípio, depois Moraes Moreira entrou também, ai saía um entrava outro, quando o Moraes separou lá do Novos Baianos veio também pro apartamento deles e ficou com a gente também. E era assim, a comunidade era desse jeito e então nós (ela e Fagner) nos tornamos irmãos... (TEREZINHA DE JESUS.2013)

Após esse primeiro convite Terezinha gravou seu primeiro Lp intitulado de *Vento Nordeste*. Com textos de apresentação dos Letristas/Poetas Carlos Capinam e Abel Silva e canções compostas pelos respectivos poetas, e ainda por Paulinho da Viola, Sueli Costa, Fagner, Moraes Moreira, Lupicínio Rodrigues, Fausto Nilo entre outros. O disco

tinha ainda as participações de Dominginhos e Paulinho da Viola e a capa feita por Fausto Nilo. A produção do disco foi grande. O disco foi noticiado em diversas colunas de jornal, como no *O Globo* na coluna de Nelson Motta. A Revista *Fatos e Fotos* de Agosto de 1979, apresenta em sua reportagem diversas cantoras que estavam se destacando na nova MPB. Entre as cantoras citadas estavam Joanna, Fátima Guedes, Zizi Possi, Amelinha, Ângela Rô-Rô Terezinha de Jesus entre outras. Sobre Terezinha a revista dizia:

Veio de Florência, não da Itália. Como pode parecer aos de ouvido menos apurado, mas do Rio Grande do Norte. No Rio, deu uma paradinha para estudar canto no instituto Villa-Lobos.”E foi o projeto vitrine do qual participou duas vezes, que me deu a oportunidade que eu tanto esperava: gravar meu primeiro disco” .(TEREZINHA DE JESUS.2013)

Uma das canções presentes no primeiro disco compôs o repertório de um Lp especial lançado pela gravadora CBS. A gravadora escolheu alguns artistas e lançou o Lp *O Melhor 80*. Junto com Terezinha estavam Ednardo, Amelinha, Elba Ramalho, Fagner, Geraldo Azevedo, Zé Ramalho entre outros.

Em 1980 a cantora lança seu segundo Lp, cujo nome era *Caso de Amor*. Alguns compositores do primeiro disco se repetem como Fausto Nilo, Abel Silva, Mirabô, Capinam, Sueli Costa, Abel Silva e traz outros compositores já conhecidos mas ainda não gravados por ela como Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

Desse Lp saiu uma das canções presente na trilha da novela *As três Marias*, produzida pela Rede Globo na faixa das 18h. A novela foi exibida entre novembro de 1980 e maio de 1981. A canção era *Caso de Amor* de Wilson Cachaça e Ronaldo Santos. A música era tema do casal Guta (Nádia Lippi) e Davi (Edwin Luisi). (<http://www.teledramaturgia.com.br/tele/tresmariast.asp>) Já nesse época a telenovela ditava moda e fazer parte de uma trilha sonora podia ser crucial na carreira de um cantor. “Durante a década de 1970 as novelas da Rede Globo passam a preponderar de maneira consistente nos índices de audiência, ocupando os primeiros lugares na escala de programas preferidos pelo público” (HAMBURGER 2006,p.49), com toda essa audiência as músicas incluídas nas novelas seriam quase que sucesso imediato. Como foi o caso da canção *Pavão misterioso*, composta por Ednardo. O disco *O Romance do Pavão Misterioso* foi lançado em 1974, mas a música só seria conhecida amplamente após a estreia da novela *Saramandaia*, no dia 3 de março de

1976(ARAÚJO.2010,p.340), na qual a canção era o tema de abertura da novela, esse sucesso fez com que o compacto simples com a música de abertura fosse para a lista dos mais vendidos onde ficaria durante os meses em que a novela era exibida. Ser escolhida como trilha de uma novela da Rede Globo seria então, para muitos músicos, o passaporte para o sucesso. Mas segundo a intérprete a canção presente na trilha sonora não modificou o repercussão do disco:

É ótimo, pena que eu não vi muita melhora nas vendas, por que parece que a novela não foi boa. Dizem que é a pior novela da Globo, ou sou eu que digo né, não sei. Mas eu acho que é muito bom entrar numa novela, eu acho que é um caminho maravilhoso, dá visibilidade no seu trabalho. Principalmente estando começando, é importante ter visibilidade. .(TEREZINHA DE JESUS.2013)

Mesmo ressaltando a importância de estar presente em uma trilha sonora de novela, a cantora explica que talvez pela falta de aceitação da novela a música não tenha ficado muito conhecida.

O terceiro disco veio em 1981. O Lp *Pra Incendiar seu coração* teve produção do Sivuca. Entre os compositores Fausto Nilo, Dominginhos, Mirabô, Abel Silva e o próprio Sivuca que participa também em uma faixa do disco. Odaíres, cantora e irmã mais velha de Terezinha, também participa em uma faixa do disco. Uma matéria no jornal *O Globo* em 24 de agosto de 1981 aborda o lançamento do terceiro Lp da intérprete

Em Terezinha de Jesus que lança seu elepê “Pra Incendiar seu Coração”, produzido por Sivuca, o romantismo é constante, embora goste de interpretar músicas de raízes nordestinas. Além das músicas de seu novo disco cantará com Biafra “Canteiros”, de Fagner, baseado no poema de Cecília Meireles e que, na opinião de ambos, é a junção do nordestino com o romântico. .(TEREZINHA DE JESUS.2013)

Diante dessa matéria podemos constatar dois pontos, o primeiro é que Terezinha continuava tendo espaço na mídia, uma vez que o lançamento do disco dela estava sendo noticiado por um jornal de grande circulação. O segundo é que a intérprete continuava sendo veiculada com a temática Nordestina em sua obra.

O quarto Lp foi nomeado *de Sotaque*, o disco foi lançado em 1982 e tem uma linha mais regionalista. Também produzido por Sivuca que é compositor da canção *Sotaque* o disco traz Mirabô, Abel Silva, Capinam, Dominginhos entre outros.

Destaque para duas canções de Luiz Gonzaga que aquela altura já era presente no repertório de quase todos cantores em início de carreira oriundos da região Nordeste. Sendo considerado o representante das raízes de um povo.

As letras do disco tem uma forte influência Nordeste, as canções *Sotaque* e *Mares Potiguares* retratam bem a trajetória da cantora. Relacionando por diversas vezes as canções escolhidas em seu repertório com seu lugar de origem. *Sotaque* é uma composição de Sivuca e Ana Terra:

Esse sotaque forte que vem lá do norte
Lá do interior
Me devolve a emoção que a cidade grande
Tanto me tirou

Já a canção *Mares Potiguares* foi composta por Carlos Capinam e Mirabô Dantas para a intérprete Terezinha de Jesus.

As potiguares são iguais
Mas de potes diferente
Água de beber aguardente
Assim como águas correntes
Um coração bate forte
Ao norte, o corpo da gente

Esse dois trechos de musicas mostram um mote da carreira da cantora, sempre misturando músicas de cunho regional ,musicas românticas e a nova MPB.

Já no início da década de 1980, Fagner não fazia parte da diretoria da gravadora Epic, e voltava a ser apenas um dos cantores do cast da gravadora. O nome do diretor Jairo Pires que tanto havia incentivado as primeira gravações de vários artistas também não esta presente nos discos.Podemos observar que a grande maioria dos cantores que fariam parta da “explosão de música nordestina” também não estava mais na CBS/Epic.Só continuavam na gravadora Fagner que fica até 1986, Amelinha que fica até 1985 e Zé Ramalho que grava até 1987. Os outros cantores do movimento ou haviam mudado de gravadora ou estavam sem gravar.

Em 1983 viria o último disco da cantora *Frágil Força*. O disco contava com o encarte com as letras e um livreto falado sobre a carreira da cantora até então e do processo de escolha das musicas do disco. Abel Silva, Luiz Melodia ,Nonato Luiz ,Capinam, Mirabô, Wali Salomão ,Moraes Moreira entre outros eram os compositores das canções do disco. Mais uma vez pode ser observado que a maioria dos compositores

gravador por ela eram provenientes da região Nordeste. Muitos já haviam participado dos discos anteriores, mostrando que a cantora fazia quase que um trabalho de equipe durante suas gravações. Solicitando aos amigos canções para que pudesse gravar. Ao ser questionada sobre o processo de produção desse disco a intérprete disse “inclusive eu tentei modernizar um pouco, fazer ele mais pop, menos regional, por que é bom a gente mudar um pouquinho”(Terezinha de Jesus.2013).

Paralelamente a indústria fonográfica vinha passando por uma diminuição dos seus lucros durante o início da década de 1980. A dificuldade em planejar e definir orçamentos globais é assim traduzida por um executivo do setor: “Do próprio governo partem projeções (dos índices de inflação) que vão de 75% até 275%.(DIAS.2000,p.81) As gravadoras não possuíam mais grandes cast. E a produção dos discos ficava mais cara, que encarecia o produto, gerando uma queda nas vendas.

Ano	Unidades*	Faturamento
1981	45.419	250
1982	60.000	365
1983	52.457	260
1984	43.994	210
1985	45.153	225
1986	74.366	239,1
1987	72.626	187
1988	56.013	232,8
1989	76.975	371,2
1990	45.225	237,6

(DIAS.2000,p.82)

A gravadora então deixou bem claro à artista que se o disco não tivesse uma vendagem satisfatória ela seria dispensada:

A gente fez um disco e se o disco não fosse o que eles esperavam de vendas, e não sei o que.. por que o que eles querem é vender né? E ai a gente não faria outro contrato. E ai foi dito e feito, o disco não vendia muito eu saí e não fui mais nem lá. .(TEREZINHA DE JESUS.2013)

Nesse mesmo período diversos artistas ficavam sem gravadora. Terezinha continuou no Rio de Janeiro até 1995, quando resolveu voltar para Natal onde mora até hoje.(CÂMARA.2001,p.424)

Ao ser questionada sobre a importância da televisão na vida do artista e suas participações em programas desse veículo ela disse “Particpei, de quase todos, pelo menos o que eu achava mais

importantes eu participei.” “Eu participei do Fantástico, que na época era o melhor, era bom você entrar no Fantástico, o Brasil inteiro via.”³.(TEREZINHA DE JESUS.2013)

Ao ser questionada se essa “explosão da música nordestina seria um movimento/grupo a cantora pontua:

Ah se existia o grupo. Na realidade era mais as pessoas de fora que viam isso. Internamente não existia grupo não, existiam grupinhos, pessoas mais ligados, pessoas menos ligadas, mas a gente sempre tinha uma amizade muito grande. Eu não me lembro de ter tido briga entre o grupo nem nada não. .(TEREZINHA DE JESUS.2013)

Mesmo que a artista não considere esse momento musical um movimento, há de se analisar a importância que ele teve na música brasileira. Esses artistas apresentaram um novo Nordeste para o Brasil, mais moderno, mais escolarizado. Que tinha suas dificuldades como a seca, mas também tinha seus pontos positivos. Afastando a ideia preconceituosa de uma região atrasada perante o Sudeste.

A artista hoje residindo em Natal continua sua carreira artística. Entretanto nunca mais gravou. Um cd com seus maiores sucessos foi lançado na coleção *20 sucessos* no ano de 1997.

Conclusão

O objetivo desse artigo é focar em um período musical não muito estudado pelos historiadores. A “explosão de música Nordestina” ganhou o país entre os fins das décadas de 1970 e 1980. Muitos desses cantores fizeram carreira e até hoje gravam discos, outros ou desistiram da carreira ou não tiveram mais a oportunidade de gravar. Alguns voltaram para seus estados de origem onde tentam continuar suas carreiras. O que não pode ser ignorado é o movimento/momento musical. Esses artistas participaram de diversos programas de televisão, estiveram presente em trilhas sonoras de novelas e marcaram a vida das pessoas com suas canções. Portanto trabalhar com esses artistas é tentar fazer um resgate de um momento da música popular brasileira. E entender a partir das trajetórias individuais a história daquele período.

³ Com os clipes de “Atrás do Circo Voador”, e “Odalisca em Flor”. Respectivamente presentes no quarto e no quinto disco da cantora

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do nordeste e outras artes**. SP. Ed Cortez, 2011
- CÂMARA, Leide. **Dicionário da Música do Rio Grande do Norte**. RN. Ed Acervo da música potiguar. 2001.
- DANTAS, Mirabô. **Umás Histórias outras canções**. RN. Ed Mariz. 2007
- DIAS, Marcia Tosta. **Os Donos da Voz: Indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura**. RJ. Ed BOITEMPO, 2000.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: Memória, tempo, identidade**. MG. Ad autêntica. 2010.
- DREYFUS, Dominique. **Vida do Viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. RJ. Ed 34, 1996.
- HAMBURGER, Esther. **Teleficção nos anos 70: Interpretação da nação, in Anos 70 trajetórias**. RJ. Ed Iluminuras LTDA, 2003
- MOBY, Alberto. **Sinal Fechado; a música popular brasileira sob censura**. RJ: Obra Aberta, 1994
- NAPOLITANO, Marcos. **História & Música. Historia Cultural da Música Popular**. BH :Autêntica, 2002.
- NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira utopia e massificação(1950-1980)**. SP. Ed Contexto, 2004
- ORTIZ, Ricardo. **A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural**. SP. Ed brasiliense, 1988.
- PIMENTEL, Mary. **Terral dos Sonhos(O Cearense na Música Popular Brasileira)**. CE: Editora Arte Brasil, 2006.
- SEVERIANO, Jairo. **Uma história da música popular brasileira. Das origens à modernidade**. RJ. Ed 34. 2008.
- SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. **A canção no tempo: 85 anos de músicas Brasileiras vol.1:1901-1957**. RJ. Ed 34. 2006.

Entrevistas

- Entrevista concedida por Fausto Nilo a Daniel Lopes Saraiva, na cidade de Fortaleza, em 30 de setembro de 2013
- Entrevista concedida por Mirabô Dantas a Daniel Lopes Saraiva, na cidade de Natal, em 25 de julho de 2013
- Entrevista concedida por Raimundo Fagner a Daniel Lopes Saraiva, na cidade de Natal, em 03 de maio de 2013
- Entrevista concedida por Terezinha de Jesus a Daniel Lopes Saraiva, na cidade de Natal, em 25 de julho de 2013

Sites

- <http://www.memoriamusical.com.br>
<http://www.teledramaturgia.com.br/tele/tresmariast.asp>

Jornais e Revistas

- MOTTA, Nelson. "Vento Nordeste" sopra em copa. O Globo. RJ. 17 de maio de 1979
- PENTEADO, L. Terezinha de Jesus e Biafra no seis e meia desta semana. O Globo. RJ. 24 de agosto de 1981
- Revista Fatos e Fotos. Agosto de 1979

Discografia

- JESUS, Terezinha de. **Vento Nordeste**. Epic/CBS. 1979
- JESUS, Terezinha de. **Caso e Amor**. Epic/CBS. 1980
- JESUS, Terezinha de. **Pra Incendiar seu Coração**. Epic/CBS. 1981
- JESUS, Terezinha de. **Sotaque**. Epic/CBS. 1982
- JESUS, Terezinha de. **Frágil Força**. Epic/CBS. 1983
- JESUS, Terezinha de. **20 Sucessos: Terezinha de Jesus**. Polydisc. 1997